

**RELATO DE CASO: DISENTERIA EM SUÍNOS NA FASE DE
CRESCIMENTO/TERMINAÇÃO EM UMA GRANJA LOCALIZADA NO OESTE DO
ESTADO DO PARANÁ**

KLEIN, Eliane Maria¹.
PIASSA, Meiriele Monique Covatti².

RESUMO

Para a avaliação dos aspectos patológicos de casos clínicos de Disenteria em suínos na fase de crescimento/terminação foi analisado um lote com quatrocentos e cinquenta suínos, onde, 0,4% dos mesmos apresentaram sinais clínicos evidentes e característicos para doenças entéricas. Entre os fatores de riscos que predispõem a enfermidade, encontramos a falta de vazio sanitário, inexistência e/ou desinfecção mal sucedida, enfim, falhas de manejo. Os suínos apresentavam sinais clínicos característicos como: diarréia mucolítica e/ou sanguinolenta, fraqueza, desidratação, febre e palidez. Diante disto, foi realizada a aplicação de antibióticos e analgésicos via intramuscular por períodos determinados. Com o diagnóstico precoce da enfermidade, houve uma melhora significativa dos animais após a aplicação de medicamentos, entretanto, a conversão alimentar e o crescimento dos suínos permaneceram inferiores aos demais, acarretando assim, em perdas econômicas ao produtor.

PALAVRAS-CHAVE: disenteria, suínos, biosseguridade, antibióticos, sinais clínicos.

1. INTRODUÇÃO

Para Guedes (2010), existem diversos agentes potencialmente enteropatogênicos causadores de Disenteria em suínos nas fases de recria e terminação. As medidas preventivas contra estes agentes são muitas vezes diferentes, demonstrando assim, a importância do diagnóstico correto para que sejam adotadas as medidas mais adequadas.

Segundo Hansen (2013), as afecções entéricas, caracterizadas principalmente pela diarreia, são frequentes dentro da criação comercial de suínos no Brasil e no mundo, e seu diagnóstico preciso constitui-se um desafio ao suinocultor brasileiro e a toda cadeia produtiva. Distúrbios entéricos são mais frequentemente observados na recria e terminação, assim, provocando perdas econômicas em decorrência da redução do ganho de peso, menor conversão alimentar, aumento da mortalidade, necessidade de manejo durante o surto e cuidados diferenciados com os doentes.

Para Daniel (2014), a causa mais comum de diarreias bacterianas em suínos são as do gênero *Brachyspira* ssp., as quais tem ganhado nos últimos anos destaque pela reemergência de

¹ Eliane Maria Klein acadêmica do 3º Período do Curso de Medicina Veterinária – Noturno/FAG. E-mail: elianeklein2009@hotmail.com

² Meiriele Monique Covatti Piassa Médica Veterinária e docente do Curso de Medicina Veterinária/FAG. E-mail: meiriele@fag.edu.br

casos clínicos nas principais regiões produtoras do Brasil, especialmente associadas à Disenteria Suína. Também tem sido observado que a *Brachyspira hyodysenteriae* tem adquirido resistência a antimicrobianos específicos a esse patógeno.

Segundo Guedes (2010), nota-se que as doenças entéricas têm sido descritas como importante fator de desuniformidade de lotes e de desequilíbrio nos indicadores zootécnicos da suinocultura. Essa patologia tem alta prevalência, devido, principalmente, ao tipo de manejo encontrado nas granjas, o confinamento total dos animais, o qual facilita a disseminação da doença.

Diante a gravidade e importância da prevenção e do tratamento para se obtiver melhores resultados na criação de suínos realizamos o trabalho em uma granja de quatrocentos e cinquenta suínos de fase crescimento/terminação, localizada em uma cidade do Oeste do estado do Paraná. Foi realizado um estudo para avaliar a ocorrência de Disenteria Suína que é causada pelas bactérias do gênero *Brachyspira* ssp. após a chegada dos animais a granja até o abate, analisando também, a presença de fatores predisponentes para o surgimento da enfermidade, bem como, os mecanismos e tratamento da doença.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Naresh e Hampson (2010), a Disenteria Suína é uma enfermidade bacteriana altamente contagiosa caracterizada por diarréia mucohemorrágica e afeta principalmente leitões nas fases de recria e terminação. A *Brachyspira hyodisenteriae*, espiroqueta anaeróbia, é considerada o agente primário da disenteria suína.

Harris *et al.* (2006), diz que a diarréia mucohemorrágica é o sinal clínico mais evidente, também pode ser observado anorexia, sede intensa, abdômen retraído, emagrecimento e febre. As fezes diarreicas são eliminadas de forma contínua e sem esforço e contém muco, sangue e partículas de ração. Os animais de terminação podem apresentar um atraso no crescimento, menor conversão e, consequentemente perdas econômicas.

Para Guedes e Barcellos (2012), a presença da *Brachyspira hyodysenteriae* é observada nas infecções por quadros de diarréia mucóide, concomitantes com hemorragia na maior parte dos casos, sendo essas ligadas a lesões muco-hemorrágicas achadas no colón ou no ceco. Porém, a morbidade e a mortalidade da disenteria são influenciadas por presença de condições estressantes,

tais como: tamanho do lote, fluxo de produção, peso dos animais, circulação em baias e mistura de animais, superlotação, alterações de formulação de rações, rações com alta concentração de energia e baixa concentração de fibras e rações deficientes em vitamina E e microminerais. Em instalações úmidas e frias e com higiene deficiente, os prejuízos são mais acentuados, causando impacto negativo.

Guedes (2005), diz que a *Brachyspira hyodysenteriae*, agente da disenteria suína, tem grande importância econômica, afetando suínos de crescimento e terminação, entre 15 e 90 Kg de peso vivo. É uma bactéria gram-negativa, com formato espiralado, anaeróbia estrita, mas com um determinado grau de tolerância ao oxigênio de mais ou menos 1%.

Segundo Naresh e Hampson (2010), a infecção da disenteria suína inicia-se quando os leitões ingerem a *Brachyspira* spp. por via oral que se dá a partir da água, ração ou do meio ambiente contaminado com fezes. Uma vez atingido o intestino grosso, tanto a *B. pilosicoli* como a *B. hyodysenteriae* têm quimiotaxia (processo ativo) por muco, que se encontra aderido aos enterócitos, células intestinais, e no interior das criptas da mucosa intestinal, pode-se verificar macroscopicamente o aumento de volume dos linfonodos mesentéricos.

De acordo com Viott (2010), para se estabelecer um diagnóstico preciso do gênero *Brachyspira*, os dados clínicos dos animais portadores, as alterações macroscópicas e os achados histológicos são fundamentais. Porém, para um efetivo diagnóstico, deve-se utilizar o isolamento bacteriano e identificação bioquímica ou se aplicar técnicas moleculares nas amostras de fezes ou da mucosa afetada dos suínos.

Guedes (2010), diz que prevenção das diarreias pode ser atingida através de simples práticas de manejo e boas práticas de higiene das granjas de suínos, tais como: controle da qualidade ambiental, vazio sanitário, separação por idade e limpeza das instalações entre as introduções de lotes de suínos. Porém, as condutas terapêuticas e/ou preventivas contra os agentes das enterites são muitas vezes diferentes, demonstrando, consequentemente, a importância do diagnóstico correto para que sejam adotadas as medidas mais adequadas.

Segundo Harris *et al.* (2006), em criações com surtos de *Brachyspira* spp. os suínos devem ser tratados com a administração de antibióticos na água, sendo este um tratamento simples de ser administrado, uma vez que o consumo de ração é diminuído vertiginosamente no início da infecção. Já os animais que se apresentam demasiadamente afetados, deve-se utilizar a medicação parenteral.

3. METODOLOGIA

Foi analisada uma granja com quatrocentos e cinquenta suínos em crescimento/terminação, localizada em uma cidade no Oeste do estado do Paraná no período de janeiro a abril.

Foram observados os animais após a chegada até o abate, neste período dois animais apresentaram sinais clínicos como: diarréia mucoíde e/ou sanguinolenta, febre, fraqueza, animais desidratados e pálidos.

O animal número 01 encontrava-se há setenta dias na granja com aproximadamente 80 kg, os sintomas se manifestaram de forma progressiva, chegando a ponto do animal não conseguir se alimentar devido fraqueza e diarréia sanguinolenta. Para tratamento realizou-se a isolação do animal aos demais e medicação com 5,3 ml de antibiótico a base de Tiamulina, mais 08 ml de Dipirona Sódica e 08 ml de solução hemostática à base de cloreto de alumínio (devido ao sangue junto as fezes) ambos via parenteral intramuscular uma vez ao dia por três dias seguidos.

Já o animal 02 encontrava-se há 30 dias na granja, com aproximadamente 50 kg apresentando discreta diarréia, assim que, constatada a presença da patogenia foi iniciado o tratamento com solução de 3,3 ml de antibiótico a base de Tiamulina e 05 ml de Dipirona Sódica, ambos via intramuscular uma vez ao dia durante três dias.

Devido à gravidade do quadro da doença o animal número 01 veio a óbito no quarto dia após o início do tratamento. Já o suíno 02 apresentou rápida melhora da doença, entretanto, não somou peso após a enfermidade.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como em outras doenças infecciosas, medidas outras, além de medicação, são importantes para minimizar o impacto da doença. Como animais enfermos são a principal fonte disseminadora do agente no ambiente, estes devem ser tratados e isolados. Baias com animais doentes devem receber atenção especial, sendo que, estes animais têm a necessidade de receber aplicação de medicação. Além deste procedimento em animais enfermos, medidas higiênicas de manejo como limpeza de baias, cochos e bebedouros se fazem necessárias, bem como detalhada limpeza e

desinfecção das instalações entre lotes. Atenção também deve ser dada a movimentação de pessoal entre baias e galpões, com troca de botas e ou vestuário, para se evitar a disseminação do agente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhor forma de manter-se livre dos prejuízos ocasionados pela Disenteria Suína é a prevenção, evitando que a doença entre no plantel. Neste sentido sugerem-se as seguintes medidas de biosseguridade como: desinfecção de caminhões e veículos autorizados para entrarem na granja, utilizar o livro de visitas com registro de nome, empresa, data de último contato com suínos e assinatura, os funcionários e as pessoas que adentram a granja deverão tomar banho e trocar de roupa cada vez que passam da área suja para a área limpa e controlar roedores e moscas.

Caso a patogenia culminar a granja deve realizar o tratamento imediatamente, previamente do caso se agravar, evitando a gravidade da doença e até mesmo óbito do animal.

Todas as medidas de prevenção e tratamento auxiliam para evitar danos sanitários e econômicos.

REFERÊNCIAS

DANIEL, A. G. de S. Determinação dos padrões de Concentração Mínima Inibitória (MIC) e caracterização genotípica de cepas de *Brachyspirahyodysenteriae* isoladas de suínos com quadros clínicos de disenteria suína no Brasil. 2014. 39f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal na área de Patologia Veterinária da Escola de Veterinária da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GUEDES, R.M.C.; BARCELLOS, D. E. S. N. Disenteria Suína. In: BARCELLOS, D.E.S.N., SOBESTIANSKY, J. Doenças dos suínos. Goiânia: Canone, 2012. cap 2, p. 128-134.

GUEDES, R. M. C. Diarreia em suínos de recria e terminação principais enfermidades. Suínos e Cia, Paulínia, n. 11, p. 11-18, Julho 2005.

GUEDES, R. M. C. Controle racional das diarréias de recria e terminação. *Acta Scientiae Veterinariae*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 247-253, Dezembro 2010.

HANSEN, G. D. Diagnóstico diferencial das patologias intestinais da recria e terminação, com foco em disenteria. In: *SIMPÓSIO BRASIL SUL DE SUINOCULTURA*, 6., 2013, Concórdia. Anais...Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2013. p. 24-44. 35.

HARRIS, D. L.; HAMPSON, D. J.; GLOCK, R. D. Swine Dysentery. In: STRAW, B. E. (Ed.); ZIMMERMAN, J. J. (Ed.); D'ALLAIRE, S. (Ed.) et al. *Diseases Of Swine*. Ames, Iowa: Blackwell Publishing, 2006. cap. 42, p. 579-600.

NARESH, R.; HAMPSON, D. J. Attraction of *Brachyspirapilosicollis* mucin. *Microbiology*, v. 156, n. 1, p. 191-197, January 2010.

VIOTT, A. M. Prevalência de enteropatógenos em suínos de recria/terminação em Minas Gerais e desenvolvimento de modelo experimental de *Lawsonia intracellularis* em camundongos (*Mus musculus*). 2010. 72f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.